PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 81 Janeiro de 1974 Ano IX

"Ordem e Estabilidade"

Uma vez mais, nestes dez anos de ditadura militar, repete-se a farsa da substituição do chamado chefe do Poder Executivo.Meio milhar de parlamentares inexpressivos reuniram-se para formar um espúrio colégio eleitoral a fim de homologar o nome do general Ernesto Geisel, pretendente ao cargo de ditador de plantão ora exercido pelo verdugo Garrastazu Médici.

A reunião de 15 de janeiro em Brasília foi um espetáculo degradante de subserviência, de reacionarismo e corrupção digno do sistema instituído com o golpe de 1º de abril.Cada "eleitor" recebeu de mão beijada 10 mil cruzeiros para comparecer à pantomina montada no recinto da Câmara Federal. A esmagadora maioria dos presentes nada mais tinha a fazer do que dizer sim em favor do candidato castrense, já anteriormente designado em caráter irrevogável. Com razões de sobra, duas dezenas de deputados do MDB qualificaram o acontecimento de autêntica peça surrealista.

A máquina de propaganda da ditadura tentou convencer que o ato de 15 de janeiro era um processo legítimo de eleição indireta. Simples embuste.O povo não teve,nem próxima nem remotamente, qualquer participação na escolha do novo ocupante do Palácio do Planalto. A "eleição" processou-se nos bastidores dos quartéis.Somente os generais de várias estrelas debateram nomes, sempre os de seus iguais, para substituir Médici. Digladiaram-se durante muitos meses e chegaram, por fim, na base de um acordo entre camarilhas, à indicação de Ernesto Geisel e Adalberto Pereira dos Santos.

Tal como Castelo Branco, Costa e Silva e Garrastazu Médici - Ernesto Geisel é mero representante de um punhado de generais reacionários, totalmente divorciados do sentimento geral da nação. É expressão de um sistema,antinacional e antipopular, criado sob a égide dos monopolistas norte-americanos. É produto acabado da manipulação dos negócios públicos por uma camorra de traidores a serviço de interesses estrangeiros e do que há de mais retrógrado no país.

A trajetória de Geisel, como oficial do Exército, é semelhante à de seus comparsas de farda. Ainda major, servindo com o general fascista Álcio Souto, de triste memória, pôs os tanques na rua, em outubro de 1945, para depor Getúlio Vargas quando este, pressionado pelas massas e com a derrota do nazismo, restaurava as liberdades democráticas. Em 1960/1, no comando das guarnições de Brasília, tomou parte ativa na conspiração para colocar uma Junta Militar no lugar de Jânio Quadros. Quatro anos depois, ocupou o Cargo de Chefe da Casa Militar e principal conselheiro de Castelo Branco durante o primeiro governo dos golpistas. Em 1967 foi guindado ao Superior Tribunal Militar onde aplicava,com extremo rigor, penas da famigerada Lei de Segurança a patriotas e democratas inconformados com o regime.Mais tarde, na direção da Petrobrás sabotou todo o esforço para descobrir novas jazidas petrolíferas no país. Logo que foi lançado como substituto de Médici, converteu em assessor especial o general Golberi do Couto e Silva, ho

Continua na pag. 2

Continuação da 1ª página

mem da Dow Chemical, apologista da geopolítica e ex-chefe do Serviço Nacional de Informações.

Ao ser designado para o novo posto, em junho passado, Geisel manteve encontros com políticos de diferentes setores e, por portas travessas, acenava com outro estilo de governo, semeando ilusões para esconder a catadura ditatorial e conseguir certo apoio. Primou, no entanto, pelo silêncio. Verdadeira múmia política, jamais indicou, de público, a maneira de como pensava enfrentar os angustiantes problemas do Brasil. Nem mesmo ao pretenso colégio eleitoral fez saber seus propósitos. Mas se se omitiu a respeito de questões prementes, nunca deixou de repetir que era um continuador, um defensor à outrance do atual estado de coisas. Seu silêncio nada tem de estranho, faz parte do acordo estabelecido com a camarilha de Médici. Além do mais, ele não assume compromissos com a nação. Tem-nos tão-somente com a cúpula das Forças Armadas - seu verdadeiro eleitorado e o juiz supremo de seus atos - e com seus amos norte-americanos.

Foi o que deixou claro no breve discurso transmitido obrigatoriamente por todas as estações de rádio e canais de televisão, na noite de 15 de janeiro. Em sua oração dirigiu-se fundamentalmente aos colegas de caserna para afirmar que seguirá no governo a mesma orientação dos predecessores. Em duas palavras, tão ao sabor dos militares fascistas, sintetizou seus objetivos: estabilidade e ordem. Ordem, na boca dos generais, é violência brutal contra o povo, e estabilidade é manutenção da ditadura, arrocho salarial, sinal verde para o capital estrangeiro. A fala de Geisel deixou aturdidos os que dele esperavam um aceno de boa vontade, uma meia palavra, ao menos, que se pudesse transformar em favorável expectativa. A esperança dos adesistas converteu-se em bolhas de sabão levadas pelo vento.

Nenhuma ilusão se deve alimentar no governo de Geisel. Farinha do mesmo saco, atuará com a mesma desenvoltura de seus antecessores contra o povo, a liberdade e a soberania nacional. As aspirações das grandes massas populares só podem transformar-se em realidade através da luta de vida ou morte para derrubar a ditadura fascista que infelicita o país. O movimento patriótico e democrático está em marcha, une suas fileiras e se torna sempre mais pujante. Ninguém poderá destruí-lo. Geisel e seus semelhantes serão varridos do Poder porque nele se instalaram fraudulentamente e porque são inimigos jurados da nação.

> "Nas condições atuais do mundo, a guerra popular é o caminho provado de que dispõem os povos oprimidos para alcançar sua libertação. Já demonstrou sua eficiência na China, Vietname e outros países. Trilhando por este caminho, os brasileiros descortinarão as mais promissoras perspectivas de vitória. O povo passará por provas difíceis, terá de fazer ingentes sacrifícios, perderá muitos de seus melhores filhos. Mas aprenderá com a vida o manejo das armas, aprenderá a arte de combater, acabará dominando com maestria o método da guerra popular.
>
> Que os militares e os imperialistas ianques espumem de ódio! A guerra popular será uma realidade! E o povo vencerá! "
>
> (Do documento "Guerra Popular- Caminho da luta Armada no Brasil)
> Janeiro de 1969

"O governo ditatorial é forte na aparência, mas na realidade é um poder precário e bastante débil. Intensificará a repressão, cometerá toda sorte de crimes, mas não poderá evitar que as grandes massas populares se levantem e lutem."

(Do "Manifesto ao Povo", do C.C. do PC do Brasil)

Guia Imortal do Proletariado

Faz meio século, deixou de existir Vladimir Ilich Lênin - o genial teórico da revolução proletária e criador do Partido Bolchevique, o chefe do primeiro Estado Socialista do mundo, o guia e mestre do movimento comunista internacional. Mas seu nome e sua obra são imortais. Vivemos ainda a grande época que ele caracterizou como a época do imperialismo e das revoluções proletárias. Sua doutrina continua a ser o luzeiro do proletariado e dos povos oprimidos na luta pela emancipação nacional e social.

O Partido Comunista do Brasil, ao reverenciar a inesquecível memória de Lênin, tem sempre presente a significação e a atualidade dos seus ensinamentos e persiste em estudá-los sem descanso, com todo o afinco. Reafirma sua determinação de desfraldar bem alto a bandeira do leninismo, a única capaz de conduzir o povo brasileiro ao triunfo sobre o imperialismo norte-americano e as forças da reação interna e de lhe abrir caminho para a sociedade socialista.

Lênin simbolizou o pensamento mais avançado da Humanidade progressista, foi um ardente partidário e eminente epígono do marxismo. Disse que a doutrina marxista era todo-poderosa porque exata, verdadeira. Mostrou que tanto o materialismo filosófico como a teoria da mais-valia e a da luta de classes constituíam as grandes armas blindadas por Marx e Engels à classe operária a fim de que esta cumprisse sua missão histórico-universal de coveira do capitalismo e construtora da nova sociedade. Verificou que na medida em que o marxismo triunfava, predominando no movimento operário, as correntes adversárias recorriam a disfarces com o propósito de combatê-lo. Os liberais chegaram a se camuflar de socialistas para melhor deturpá-lo e torná-lo completamente inofensivo, inservível para libertar as massas exploradas e oprimidas pela burguesia.

No período histórico que se seguiu à derrota da Comuna de Paris, em 1871, período de desenvolvimento pacífico do capitalismo, surgiram no movimento operário os revisionistas e outros tipos de oportunistas para apregoar a falência do caráter revolucionário e de classe do marxismo, a inutilidade das ações revolucionárias. Argumentavam que em virtude da estabilidade do regime burguês representativo e da ausência de grandes choques de classes, o proletariado devia pugnar pela "paz social" e abandonar o caminho da revolução. Lênin jamais se deixou iludir por essa calmaria e essas balelas. Atacou rijamente os revisionistas e reformistas, defendendo os aspectos revolucionários do marxismo e insistindo em que o proletariado se preparasse para as batalhas que inevitavelmente ocorreriam em futuro próximo. E quando se desencadearam as tormentas revolucionárias do princípio do século XX, na China, na Rússia e em outros países, Lênin afirmou que o período de desenvolvimento pacífico do capitalismo havia terminado irremissivelmente, que se iniciara um novo período histórico, de guerras e revoluções, no qual o proletariado seria a força decisiva. As idéias e a compreensão de Lênin tiveram enorme valor para determinar a conduta do proletariado e de seu partido nos acontecimentos mundiais.

Em 1916, polemizando com os partidários de uma tendência oportunista - "o economismo imperialista"- Lênin criticava-os por fazerem caricatura do marxismo e assinalava que também não entendiam o sentido da nova época. Demonstrava que não se devia confundir um fenômeno determinado, de um momento dado, com a soma de possíveis e variados fenômenos de uma época, acrescentando: "Uma época é assim chamada porque abarca o conjunto de fenômenos distintos e as guerras, típicas e não típicas, grandes e pequenas, nos países adiantados e nos atrasados". E dirigindo-se a um desses "economistas", I. Piatakov, dizia ser impossível compreender o caráter reacionário e rapace da Primeira Guerra Mundial que então se desenrolava, se não se levasse em conta o conteúdo das condições gerais da época imperialista. Didaticamente esclarecia que, para uma justa análise, o marxismo exige seja levado em consideração o conteúdo objetivo do processo histórico em cada momento e em cada situação concretos, a fim de se saber em primeiro lu -

Continua na página 4

gar de que classe social é o movimento que constitui o principal fator impulsionador do progresso possível da sociedade em tal momento e tal situação. Chamava a atenção, igualmente, para o fato de que embora não se pudesse determinar a velocidade e o êxito com os quais se desenvolveriam certos movimentos históricos em cada época, podíamos e devíamos conhecer com certeza que classe ocupa uma posição central nesta ou naquela época, fixando seu conteúdo principal.

Exatamente porque assim compreendia o marxismo, Lênin empregou a energia e a paixão de que era capaz, todo o seu gênio, em preparar o proletariado russo para derrubar o tzarismo e tomar o poder político, através da insurreição armada. A condição prévia para a realização dessa gigantesca tarefa - a mais revolucionária de todas,, em virtude de a Rússia ser o principal foco das contradições daquele momento e naquela situação - seria a formação de um partido de novo tipo, em tudo diferente dos partidos oportunistas da II Internacional, um partido teórica, política e praticamente apto a conduzir a classe operária a seu supremo objetivo. Lênin soube forjar esse partido. E estudando as realidades russa e internacional, caracterizou o processo de surgimento do imperialismo como a última fase do capitalismo, como a ante-sala da revolução proletária. Nesta fase, todas as contradições do sistema capitalista se aguçam ao extremo e põem na ordem-do-dia o socialismo, único regime no qual essas contradições podem ser e serão resolvidas. Salientou a imensa importância da teoria revolucionária do marxismo e arrasou com as teses e os dogmas dos oportunistas dos mais diversos matizes. Descobriu que o "desenvolvimento desigual do capitalismo é uma lei absoluta do capitalismo" e, apoiado nessa lei, indicou a possibilidade de a revolução poder começar num ou em alguns países tomados separadamente, e que esta não se daria simultaneamente em todos os países, como antes fora previsto. Quer dizer, se bem que o sistema imperialista tornasse objetivamente maduro para a revolução o conjunto dos países que ia englobando, esta só irromperia onde o elo da cadeia imperialista fosse mais fraco, as contradições mais acirradas e a situação objetiva e a subjetiva mais favoráveis. Lênin, em seu hercúleo trabalho revolucionário desenvolveu a teoria marxista em todos os terrenos e preparou o Partido Bolchevique multifaceticamente para cumprir seu papel histórico.

A vitória da Revolução de Outubro na velha Rússia dos Tzares abriu uma nova página na vida da Humanidade e confirmou, em toda a linha, a teoria leninista. Mas, com a instauração da ditadura do proletariado, as atividades de Lênin se multiplicaram. Outros problemas surgiam. Impunha-se a luta contra os inimigos da revolução e do marxismo. A Rússia Soviética transformara-se no centro da revolução mundial, no seu primeiro grande baluarte. Internacionalista consequente, Lênin organizou a III Internacional Comunista e preocupou-se em ajudar a formação de novos e verdadeiros destacamentos operários avançados e em transmitir a riquíssima experiência dos bolcheviques. Nas vésperas do II Congresso da Internacional Comunista, em 1920, Lênin escreveu seu famoso livro "A Doença Infantil do 'Esquerdismo' no Comunismo" à fim de dar a conhecer ao movimento revolucionário ascendente as diferentes táticas utilizadas no curso da revolução russa. Nessa obra, sobretudo em suas conclusões, o grande Lênin ofereceu conselhos de imenso valor e enorme atualidade. "O que importa agora - sustentava -é que os comunistas de cada país adquiram completa consciência, tanto dos princípios fundamentais da luta contra o oportunismo e o doutrinarismo de 'esquerda', como das particularidades concretas (os grifos são de Lênin) que esta luta toma e deve tomar inevitavelmente em cada país isolado, de acordo com os traços originais de sua economia, de sua política, de sua cultura(...) . Investigar, estudar, descobrir, adivinhar, compreender o que há de nacionalmente particular, especificamente nacional na maneira como cada país aborda concretamente a solução de um mesmo problema internacional: o triunfo sobre o oportunismo e o doutrinarismo de 'esquerda' no seio do movimento operário, a derrubada da burguesia, a instauração da República Soviética e a ditadura do proletariado, é o principal problema do período histórico que atravessam todos os países adiantados (e não só os adiantados)".

Em consequência da formidável contribuição de Lênin ao tesouro da doutrina científica do proletariado, depois de sua morte, Stálin, seu mais fiel continuador, demonstrou que o leninismo é o marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletárias, ou mais precisamente: a teoria e a tática da revolução so

Continua na pag. 5

cialista, em geral, e a teoria e a tática da ditadura do proletariado, em particular.

Passados cinquenta anos do desaparecimento de Lênin, operaram-se profundas e extensas modificações no cenário internacional. Uma série de fenômenos novos apareceram. Houve a II Guerra Mundial. Em seu avanço, a revolução socialista incorporou a grande China Popular, a Albânia e outros países. O movimento de libertação nacional converteu-se numa corrente irresistível. Todo o sistema imperialista foi abalado e viu agravados seus males incuráveis, debatendo-se em fortes convulsões.

Em face dessa nova situação, ressurgiram os inimigos do proletariado e do socialismo disfarçados de marxistas-leninistas. Os revisionistas soviéticos assestaram o mais sério golpe nas conquistas do povo soviético e do movimento revolucionário mundial ao transformar a pátria do leninismo e berço da revolução socialista numa potência social-imperialista, isto é, socialista de palavra e imperialista de fato. Tentaram impingir a idéia de que a época de guerras e revoluções, prevista e analisada por Lênin, já está ultrapassada, de que não é mais necessário adotar o caminho da violência revolucionária para chegar ao socialismo, de que as condições históricas atuais exigem a distensão e a cooperação entre as classes sociais e todos os países. As forças da reação e do imperialismo se juntaram e, estimulando os revisionistas, fazem intensa gritaria para amedrontar os povos e enganá-los, acusam os revolucionários de terroristas, procuram eliminá-los fisicamente, reprimem com selvageria a luta pela liberdade e o socialismo.

Há quase duas décadas os marxistas-leninistas vêm travando uma batalha ideológica e política de grandes proporções contra os revisionistas contemporâneos e as demais correntes hostis ao proletariado e à revolução. Conseguiram êxitos consideráveis no desmascaramento das teses oportunistas. Apoiando-se em Lênin, eles defendem o sentido revolucionário, de classe, da doutrina proletária e demonstram que a época do imperialismo e da revolução socialista subsiste, que os revisionistas contemporâneos são renegados do movimento comunista. O próprio revisionismo, como manifestação internacional do oportunismo, é produto do imperialismo, sua criatura. Apesar de enfraquecido e em decadência, o imperialismo promove não apenas o combate ideológico ao movimento operário e de libertação nacional. Também implanta regimes fascistas, planeja e realiza guerras de agressão. Participa de uma corrida armamentista sem precedente, armazena engenhos de extermínio em massa para esmagar a revolução e manter seu domínio. Ao lado das disputas pela hegemonia mundial e pela repartição das esferas de influência, dos mercados e fontes de matérias-primas, as superpotências se conluiam contra os interesses dos povos, de que é exemplo o acordo Nixon-Brezhnev.

Na realidade, o leninismo está mais vivo do que nunca, cada vez mais vigoroso. Ante a acentuada tendência do imperialismo e do social-imperialismo para a guerra e o fascismo, é preciso intensificar os preparativos e elevar o nível das lutas do proletariado e dos povos a fim de conquistar o Poder e defender a soberania das nações. A grande bandeira revolucionária para derrocar o imperialismo e tornar vitoriosa a causa da classe operária e dos povos oprimidos é o marxismo-leninismo. Somente empunhando a verdadeira bandeira de Lênin, os trabalhadores da União Soviética poderão derrubar a camarilha traidora de Brezhnev & Cia. e restaurar a ditadura do proletariado.

A atualidade do leninismo foi mais uma vez destacada no X Congresso do glorioso Partido Comunista da China, quando o camarada Chu En-lai reafirmou que a Humanidade continua a viver na época do imperialismo e da revolução proletária. A força do leninismo voltou também a ser posta em relevo recentemente quando o heróico Partido do Trabalho da Albânia comemorou o 29º aniversário da proclamação do regime de Democracia Popular e da instauração da ditadura do proletariado. De forma idêntica vêm procedendo todos os partidos e organizações marxistas-leninistas que sustentam as idéias triunfantes de Vladimir Ilich Lênin. O Partido Comunista do Brasil, ainda há pouco, abordando problemas do movimento antiimperialista no mundo, o fez utilizando igualmente critérios marxistas-leninistas, internacionalistas, ressaltando os ensinamentos e o futuro que o grande Lênin indicava para esse movimento: frente única dos oprimidos, caminho revolucionário, di

Continua na pag. 6

reção do proletariado e perspectiva socialista. Como assinalou o inolvidável chefe do Partido Bolchevique, "sem o triunfo sobre o capitalismo é impossível suprimir a opressão nacional e a desigualdade de direitos".

Ao rememorar a irreparável perda do genial Lênin, os comunistas brasileiros estão cada vez mais confiantes em prosseguir no caminho por ele apontado, certos de que alcançarão seus objetivos. O imperialismo norte-americano, inimigo mortal do povo brasileiro, assim como todo o sistema imperialista, estão na fase dos estertores, serão fatalmente sepultados. Também a ditadura militar fascista no Brasil, por mais atrocidades que cometa, não evitará sua derrocada.

A bandeira de V.I.Lênin guia nossa marcha. A brilhante luz da vitória dos povos de todo o mundo projeta-se cada dia com maior intensidade.

^^

Continuação da pag. 7 (ELENIRA MACHADO)

caráter, simples e modesta, era dessas pessoas cuja conduta corresponde plenamente às idéias que defende. Se assume um compromisso vai até o fim. Se se propõe um objetivo trata de alcançá-lo com decisão e perseverança. Ninguém, nada poderia afastá-la do caminho que elegeu.

Não há luta sem heróis, nem movimento popular sem mártires. Heróis e mártires são testemunhos perenes da bravura de um povo, expressões elevadas de uma nobre causa. Elenira simboliza as aspirações da época em que viveu: anseios profundos de liberdade, de justiça social, de independência da Pátria, de revolução libertadora. Dirigente estudantil, militante de vanguarda, ativista do campo, guerrilheira do Araguaia - ela representa bem a juventude rebelde do Brasil de hoje. Sua personalidade marcante e seus atos corajosos projetar-se-ão no tempo. Ganharão força e realce cada vez maiores. Viverão sempre no coração dos que almejam construir uma vida nova - livre dos tiranos, dos privilegiados, dos exploradores.

Que a juventude seja fiel à herança revolucionária de Elenira Machado !

^^

O U S A R   L U T A R !

S A B E R   L U T A R !

P E R S I S T I R   N A   L U T A !

OUÇA DIARIAMENTE EM PORTUGUÊS

RÁDIO TIRANA : 31 e 42 metros
Das 20 às 21 horas e das 22 às 23 horas

RÁDIO PEQUIM : 25 e 42 metros
Das 19 às 20 horas
19,4 e 32 metros
Das 21 às 22 horas

ELENIRA MACHADO

Certa vez um poeta brasileiro traduziu em versos simples, mas com muita propriedade, o conteúdo permanente da existência humana. "A vida - escreveu ele - é luta renhida: viver é lutar". Desde os seus primórdios o homem luta para sobreviver. Enfrentou e venceu as forças hostis da natureza, não cessou de pesquisá-la e remover os obstáculos ao seu pleno domínio. A partir do momento em que a sociedade se dividiu em classes, os oprimidos opuseram-se tenazmente aos tiranos e opressores de todos os tempos. Há muitas décadas, massas revolucionárias vêm porfiando na tarefa de construir um mundo socialista. O motor da história, assinalou Marx, é a luta de classes.

Mas, se "viver é lutar", morrer, em certas circunstâncias, é também uma forma de continuar a luta. Os que caem no combate sagrado pela causa do povo - mantêm acesa a chama da rebeldia. Seus feitos servem de alento e estímulo, despertam legiões de batalhadores indômitos, tornam mais querido o ideal da emancipação. O sangue generoso dos mártires jamais corre em vão.

Elenira Machado é um exemplo . Ela sucumbiu em plena juventude nas selvas distantes da Amazônia, participando das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Sua curta vida foi acalentada por ardentes sonhos de amor à liberdade e marcada pela ação constante contra os reacionários. Serviu de todo o coração o povo. Por muitos e muitos anos, seu sacrifício e seu valor contribuirão para incentivar o arrojo dos patriotas, a intrepidez dos combatentes de vanguarda. Milhões de brasileiros reverenciarão sua gloriosa memória perseverando na senda revolucionária.

Por que morreu Elenira Machado ?

Morreu porque defendia a liberdade e os direitos do povo. Quando ingressou na Universidade, em São Paulo, já imperava a ditadura militar que até hoje oprime a nação. Não demorou muito para se incorporar inteiramente ao combativo movimento estudantil e se tornar um de seus dirigentes. Nas jornadas de 1968, esteve nas primeiras linhas da acometida democrática que se espalhou por toda a parte. Perseguida e caçada pelos órgãos de repressão, passou à difícil vida clandestina. Sustentou com altivez a bandeira da União Nacional dos Estudantes na ilegalidade. Ia às escolas em diversos Estados e audaciosamente falava, em nome da UNE, a centenas de universitários, levando-lhes orientação e o apoio da entidade que representava. Mais tarde, mudou-se para o campo. Aspirava a viver entre a gente pobre e a conhecer melhor seus problemas. Integrou-se de corpo e alma com a população sofrida do sul do Pará. Foi das primeiras a pegar em armas para resistir ao ataque traiçoeiro das Forças Armadas desfechado em abril de 1972 .

Morando no campo e ligada ao povo, enfrentando os adversários de arma nas mãos, Elenira não esquecia os jovens das cidades, compreendia o papel que eles teriam a desempenhar para levar adiante a revolução. Ao encontrar-se com um jornalista na floresta relembrou acontecimentos de anos passados, afirmando: "Esse regime que ensanguenta o Brasil precisa ser derrubado. Isto está na cabeça e no coração de milhões de jovens". Nessa ocasião enviou uma mensagem de confiança aos estudantes - "Empunhem firmemente a bandeira da liberdade, não dêem tréguas à ditadura, quem persiste na luta acaba triunfando ".

Caíu bravamente. Cercada por tropas da reação, não se amedrontou. Recebeu uma rajada de metralhadora nas pernas e verteu muito sangue. Assim mesmo atirou quanto pôde nos que se aproximavam. E acertou no alvo. Depois foi agarrada. Como prisioneira, sua vida devia ser respeitada. Embora gravemente ferida, tinha possibilidades de restabelecer-se. No entanto, os bandidos fardados trataram de liquidá-la utilizando a tortura. Queriam que falasse. Elenira gritou-lhes na cara: "Os companheiros me vingarão". Assassinaram-na bestialmente. Este crime das Forças Armadas nunca será olvidado.

Elenira Machado honrou a juventude brasileira e ressaltou também o papel da mulher na luta contra os opressores. Tombou como verdadeira heroína. Firme de

Continua na pag. anterior(p.6)

O exemplo negativo de Prestes

Vivendo atualmente em Moscou e transformado em caixeiro-viajante dos social-imperialistas soviéticos, Luís Carlos Prestes envelhece conservando as mesmas características de quando apareceu na vida pública brasileira: as concepções pequeno-burguesas, o caudilhismo, o espírito dogmático e sectário, o limitado horizonte político e a falta de confiança nas massas trabalhadoras.

Essas características estão bem definidas no artigo "Como Cheguei ao Comunismo" que, por motivo do 75º aniversário de seu nascimento, publicou na revista internacional dos revisionistas e saiu em separata no órgão do revisionismo brasileiro, de junho do ano passado. A revista, para exaltar seu homenageado, afirma, na apresentação do artigo, que Prestes, em 1943, "mesmo ausente, foi eleito Secretário-Geral do Comitê Central do PCB", o que não é verdade. Os participantes da Conferência da Mantiqueira apenas o elegeram membro do Comitê Central. Só em agosto de 1945 se consumou, infelizmente, sua ascensão para aquele posto-chave da direção.

Com essa ressalva preliminar, examinemos as idéias e os propósitos do articulista. A começar pelo título pretencioso, Prestes visa, com o artigo, oferecer sua adesão ao Partido Comunista do Brasil, em 1934, como modelo válido, especialmente para a juventude. Travestido com aquela falsa modéstia que lhe é peculiar, escreve que o processo "teve uma duração de vários anos". "Trata-se de uma experiência - diz ele - que talvez possa ser útil hoje em dia à juventude revolucionária que, como eu naquela época, busca o caminho para participar de maneira ativa e consequente na luta..."

É a primeira vez, ao que saibamos, que Prestes coloca em letra de forma sua versão de como conseguiu penetrar em nossa organização revolucionária. Tentaremos acompanhar, na base de seu relato, a trajetória que percorreu, a fim de demonstrar que sua "experiência" é nociva para quem queira servir de todo o coração ao povo e ao Partido da classe operária.

O artigo está repleto de chavões e de premeditada confusão. Reflete a notória mania de Prestes em superestimar seu papel, considerando-se um gênio. É sobretudo de uma pobreza de idéias franciscana. E isto quando a vida política de nosso país vem apresentando um grande acervo de ensinamentos, tornando mais indispensável do que nunca desenvolver a teoria da revolução brasileira. Assim Prestes mostra que nada aprendeu, que nunca chegou a ser comunista e, em consequência, não poderia ter chegado ao comunismo.

No intróito, confirmando sua concepção tenentista, é incapaz de situar em primeiro plano a fundação do Partido Comunista do Brasil, ocorrida em março de 1922, e de realçar sua significação histórica. Ao contrário, salienta o levante de 5 de julho desse ano, a pretexto de dar relevo a seu "caso pessoal". Depois, põe em contraste, de modo desconchavado e puramente formal, o destino do tenentismo e o do Partido, dizendo que, enquanto aquele se desagregou, este, "na atualidade é o único Partido realmente organizado em todo o país". Mas qual deles? O Partido Comunista do Brasil ou o Partido Comunista Brasileiro, que ele criou, em 1961, e se acha hoje, depois de tantas derrotas políticas, reduzido a um grupo insignificante? Por mais que procure escamotear os fatos, estes são evidentes para todas as forças patrióticas e populares brasileiras.

Na Coluna

Ao tentar descrever e interpretar os episódios de sua carreira política, Prestes não sai da superficialidade e das frases estereotipadas. Deste teor são seus comentários sobre a "Coluna Invicta". Note-se: é também a primeira vez que escreve algo a respeito dessa marcha militar através dos sertões do Brasil. Apesar de instado anteriormente a analisá-la, na forma de um folheto ou livro, negou-se a fazê-lo, alegando os mais diversos motivos. Quando final-

mente resolve escrevinhar sobre ela, produz coisa inexpressiva destinada tão somente a exagerar sua figura, seu "gênio" tático e a fazer demagogia, pois as conclusões a que chega não têm sentido prático, isto é, valor político real. Para começar, escusa-se manhosamente de examinar as causas que conduziram ao levante do Forte de Copacabana, em 1922. Reputa, porém, "acontecimento político de importância a sucessão presidencial" de março desse ano. Menciona de passagem o segundo 5 de julho de 1924 e conta que, em outubro desse ano, sublevou o quartel em que servia, no Rio Grande do Sul, apesar de sua atitude ser, até então, "apolítica". A Coluna, de "pouco mais de mil homens, mal armados" surgiu logo a seguir, quando os oficiais rebeldes constataram que não poderiam derrubar o governo gaúcho. Sem ter outro objetivo político ou social, Prestes no entanto afirma: "...compreendemos que, nas condições de nosso país, tínhamos a possibilidade de nos manter em armas durante meses e anos". Ou ainda: A Coluna "mostrou às grandes massas populares de quase todo o Brasil(...) a possibilidade de uma luta prolongada e vitoriosa contra seus opressores". Estas conclusões o conduzem a que, hoje? Que pensa sobre as atuais condições do país? Terão mudado? Nosso povo tem ou não possibilidades de sustentar uma luta armada prolongada contra a vigente ditadura militar ? Nada diz a respeito. Mas todos os patriotas sabem - que, mesmo distante do Brasil, ele continua a preconizar o caminho pacífico, o - pondo-se aos que se levantam em armas para resistir aos generais fascistas, de cuja boa vontade espera pequenas reformas e migalhas para o povo.

Varando os sertões, o chefe da Coluna defronta-se com a miséria dos camponeses e o sistema do latifúndio. Sofre um impacto e confessa-se surpreendido pelo que vê, em virtude de estar imbuído de "arrogância chovinista". Todavia, não atina com os motivos pelos quais a Coluna deixa de obter o apoio dos trabalhadores do campo. Argumenta que estes "não possuíam consciência política". "Essa - consciência - presume - só podia ser desenvolvida mediante a propaganda e a agitação (...)de uma organização apetrechada teoricamente e capaz de ligar-se à vida dos trabalhadores e não pela ação direta, como supúnhamos naquela época". Tal opinião é oportunista. Para elevar a consciência dos camponeses, como a dos trabalhadores em geral, só a agitação e a propaganda não bastam. É imprescindível que sejam mobilizados e participem da luta por seus direitos e aspirações, que se convençam, na base de sua própria experiência, da justeza da orientação do Partido, de suas palavras-de-ordem revolucionárias. É também errado confundir a luta armada necessária para conseguir a terra, derrubar os latifundiários e conquistar a liberdade com a ação direta, formulação de sentido anarquista.

Diz Prestes, em seu relato, que já nos fins de 1926, verificando a inutilidade de seus esforços, começou a se "dar conta de que as consequências da luta que sustentávamos iam golpear a parte mais pobre da população", pois as forças do governo praticavam contra ela violências e arbitrariedades. Apareciam na Coluna, segundo ele, "sintomas de degeneração". Em princípios de fevereiro de 1927, seus integrantes exilaram-se na Bolívia.

Ao estudar a experiência da "Coluna Invicta", o PC do Brasil, no documento Guerra Popular - Caminho da Luta Armada no Brasil, dela extraíu lições distintas. Mostrou que a Coluna fracassou, embora tivesse combatido com bravura e sofrido contínuas perseguições, porque desprezava os camponeses, não confiando - que pudessem resistir às asperezas de uma ação prolongada. Constatou que os objetivos de seus dirigentes eram reformistas e que as massas do campo se disporiam a suportar qualquer sacrifício desde que as finalidades da luta lhes interessassem, que as considerassem como suas, próprias. Além disto, explicou que a Coluna possuía uma concepção militarista, visando simplesmente a levantes de quartel, não podendo assim enraizar-se no povo nem criar forças armadas capazes de derrotar os inimigos. Esse caminho da luta armada não conduziria jamais à vitória da causa democrática e popular.

Em Busca do Caminho

Após o fracasso inevitável da Coluna, Prestes diz que iniciou a "busca do caminho acertado". Entregou-se, desde então, à leitura para compreender as façanhas que realizara e evitar que as mesmas fossem "exploradas pelas mais diversas correntes políticas". Em fins de 1927, recebeu os primeiros livros marxis -

tas, mas só em 1928, já em Buenos Aires, se decidiu pelo "estudo do marxismo ". Revela que a obra de Lênin, O ESTADO E A REVOLUÇÃO, exerceu sobre ele "influência decisiva", levando-o a "uma revisão profunda" de suas concepções e de seus conhecimentos. Depois, o I Volume de O CAPITAL o tornou "socialista por convicção científica". Prestes sempre gostou de martelar nesta tecla, que lhe parecia muito sonora. Não obstante, os que com ele conviveram mais de perto e o conhecem melhor, podem testemunhar que nunca se esforçou em estudar o socialismo como ciência nem conseguiu sistematizar ou generalizar o que quer que fosse. Seu filisteísmo não tem cura. Assim, ajunta: "O pensamento lógico e a base materialista adquiridos com o estudo das ciências naturais na Escola Militar me permitiram orientar-me melhor nos problemas sócio-políticos e me fizeram compreender a inconsequência do reformismo". Puras patranhas. Na Escola Militar o que de fato assimilou foi o positivismo, a metafísica e a cultura bitolada e dogmática. Aliás, com o auto-elogio, quer apregoar de maneira disfarçada que se embebeu de "idéias progressistas" no Exército de Caxias e Garrastazu Médici, esteio principal do regime reacionário dos latifundiários e da grande burguesia. Na verdade, sua ignorância do marxismo-leninismo e seu dogmatismo sempre foram proverbiais. E quanto ao reformismo, é parte inerente de sua condição social.

Esgotadas suas leituras e cheio de "convicção científica" não procurou imediatamente o Partido, como seria lógico deduzir. Preferiu "ganhar para as novas idéias" seus companheiros da Coluna, aos quais se achava ligado "por um compromisso moral". Mas estes eram os oficiais, pois menosprezava os soldados, considerando-os apenas peões de suas manobras. No entanto, transcorria o ano de 1930 e seus colegas, "embriagados pela popularidade", passavam a apoiar Getúlio Vargas que pensava escalar o Poder e queria aproveitar-se do prestígio da Coluna. Em face dessas circunstâncias - explica - "nossos caminhos divergiam". Resolveu então lançar, em maio desse ano, seu primeiro manifesto público, "que consagrou a cisão" com os referidos companheiros. E acrescenta: "embora o manifesto fosse considerado de adesão ao movimento comunista, não era ainda essa minha posição naquela época". Diz isto porque tentara organizar uma força política independente a fim de aliar-se ao Partido. Com efeito, sob a influência de "intelectuais brasileiros de idéias trotsquistas", criou a Liga de Ação Revolucionária. Como resultado, publicou em julho do mesmo ano, um novo manifesto que refletia, segundo reconhece "posições esquerdizantes, sectárias e mesmo tipicamente trotsquistas".

Nessa situação, escreve, surgiu a "intervenção de uma pessoa, de um comunista" que o "ajudou a empreender o caminho acertado". "Esta pessoa foi o camarada Rústico, que se encontrava então em Buenos Aires à frente do Birô Sul-Americano da Internacional Comunista". Quer dizer, um homem providencial salva - o das "incompreensões" e da dificuldade em que se achava diante da "impossibilidade" de concretizar a organização da Liga de Ação Revolucionária. O milagre, no entanto, não está bem contado. De fato, Prestes nunca fez séria autocrítica dessas atitudes. O certo, porém, é que após essa conversa "entre cavalheiros" e julgando-se redimido de suas tendências oportunistas, mas sempre jactando-se de seu prestígio, descobre, embora tardiamente, que se havia iniciado no Brasil o movimento armado de 1930. Que atitude toma? "Enviei - refere - imediatamente um amigo à fronteira uruguaio-brasileira, onde contava com numerosos partidários, até nas unidades do Exército brasileiro, para comprovar a possibilidade de organizar uma força armada independente que pudesse modificar o curso da luta popular que estava se desenvolvendo no país". Aí temos uma pequena amostra do comportamento de Prestes em face dos "problemas sócio-políticos" e dos métodos que adota. A verdade é que até hoje nada entendeu sobre o "movimento de 1930". E resolveu mandar "um amigo comprovar a possibilidade de organizar uma força armada". Bem diz a sabedoria popular: "Quem quer vai, quem não quer manda". Dessa forma, jamais ele transformaria a possibilidade em realidade.

Prestes estava na fase dos manifestos. Em março de 1931 publica outro, dirigido aos que, desiludidos, se "voltam para mim", e aconselha-os a tomar o "caminho da revolução", que nunca soube preparar e que hoje traiu por completo. Viaja pouco depois para a União Soviética, então a pátria do socialismo, onde passa tres anos, numa fase dificílima da construção da nova sociedade. Sobre essa

Continuação da pag. 10

experiência não é capaz de dizer nada de proveitoso, além de lugares comuns. Gaba-se unicamente de sua presença nos plenos da Comissão Executiva da I.C. e do conhecimento pessoal que travou com altas personalidades do movimento comunista da época. E provando que é um tipo sem caráter, não tem coragem de fazer qualquer referência a Stálin ou mesmo a Manuilski, de quem costumava se dizer admirador e dedicado amigo.

No Partido

E tarefa enfadonha, penosa, ter de acompanhar os passos de Prestes em qualquer rumo. No entanto, achamos indispensável que os revolucionários proletários não se deixem enganar com suas tiradas e aprendam a conhecê-lo, sobretudo quando quer convencer a nova geração de que seu destino não foi igual ao da maioria dos companheiros tenentistas e alardeia ter evoluído para a posição dos comunistas. Ao acusar essa maioria de ter capitulado e se colocado a serviço das classes dominantes e dos Estados Unidos, ele mostra que continua a não entender o tenentismo. De que capitulação se trata ou por que condenar seus colegas? Dificilmente homens como João Alberto, Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes e outros poderiam evoluir de outro modo. O tenentismo foi um movimento que visava a realizar algumas reformas burguesas e não uma revolução popular, democrática e antiimperialista. Tampouco pretendia estabelecer a direção do proletariado nessa revolução. Por isso, a trajetória de Prestes é quase idêntica à de seus antigos companheiros da Coluna, pois se converteu num revisionista consumado, serviçal da burguesia brasileira e do social-imperialismo soviético.

O fracassado líder dos revisionistas do Brasil faz exibição de fidelidade aos princípios marxistas-leninistas e procura camuflar sua face de renegado. Procede como todos os oportunistas. Exatamente por isso temos de refrescar-lhe a memória, descobrir suas mentiras e desmascarar sua traição.

Prestes jamais renunciou a seus conceitos políticos, nunca rompeu com suas origens de classe, sempre se comportou como um "guia genial". No curso de sua vida, mesmo quando esteve no Partido da classe operária, nele não se vislumbrou qualquer sentimento de subordinação de seus interesses e objetivos pessoais aos da revolução e do socialismo, subordinação que é a pedra de toque de todos os sinceros revolucionários proletários. A atenção que merece seu mal-alinhavado depoimento consiste precisamente em podermos constatar que as "dificuldades" com as quais confessa ter tropeçado para entrar em nosso Partido residiam sobretudo no fato de que buscava a fórmula feliz de exercer posição de mando e realizar suas mesquinhas ambições. Tanto assim é que, em seu artigo, guarda silêncio acerca de um dos pontos de maior importancia dessa "evolução". Refere apenas que "a direção do PCB (nem uma vez cita por extenso o nome da tradicional organização do proletariado brasileiro) não considerava conveniente aceitar como membro do Partido uma pessoa de origem social igual à minha".

Tal versão é ardilosa. O que estava em causa não era a origem social mas o problema político, o fato de que ele se apresentava como chefe da Coluna, formara uma organização política independente de tendências trotsquistas, como a Liga de Ação Revolucionária, e não abandonara suas pretensões caudilhescas e concepções pequeno-burguesas. Lembremos que Astrogildo Pereira, Otávio Brandão e Leôncio Basbaum, que ele aponta como dirigentes comunistas, procediam igualmente da pequena burguesia e até mesmo da burguesia. Portanto, a dificuldade não se encontrava na origem social. A manifesta oposição da direção do Partido naquele período era perfeitamente justificada e a campanha que promovia contra o prestismo, apesar de apresentar algumas incompreensões de natureza sectária, tinha razão de ser, como depois se verificou. Os comunistas queriam impedir a influência de idéias estranhas nas fileiras partidárias, formar quadros e militantes de acordo com os princípios do marxismo-leninismo, educar revolucionariamente as massas na base de suas próprias ações independentes. A campanha contra o prestismo tinha por fim combater as tendências putschistas e golpistas muito em voga entre a pequena burguesia, destacar a necessidade de o proletariado con

Continua na página 12

quistar o papel hegemônico na revolução agrária e antiimperialista e, ao mesmo tempo, atacar a teoria dos heróis ativos e das massas passivas.

A prática encarregou-se de demonstrar que a vigilância de classe se impunha, que a admissão de Prestes no Partido, nas condições em que se deu, foi errônea. Embora tivesse atraído simpatias e elevado a influência do Partido, essencialmente na classe média, prejudicou muito o desenvolvimento ideológico e político da vanguarda do proletariado brasileiro. Na VI Conferência Nacional, de 1966, e no documento Cinquenta Anos de Luta, de fevereiro/março de 1972, os comunistas fizeram uma análise objetiva de sua conduta e concluíram que ele atrasou a formação do Partido e nele "foi o representante mais típico das idéias burguesas e pequeno-burguesas", tornando mais difícil a assimilação do marxismo-leninismo. Prestes, nos quase vinte anos em que dominou a direção partidária de maneira quase absoluta, "orientou o Partido ora para a 'esquerda' ora para a direita. Mas sua constante foi a de colocá-lo a reboque da burguesia. Enquanto esteve na secretaria-geral, predominou o dogmatismo e acarretou graves prejuízos ao movimento revolucionário". Tardamos em nos convencer dessa verdade, que começou a ficar evidente a partir do surgimento do revisionismo de Kruschev.

A experiência da "evolução" de Prestes nunca foi nem poderá ser útil a ninguém, muito menos à juventude revolucionária de hoje. Ele não entrou no Partido como um militante igual aos outros, sujeito à mesma disciplina e aos mesmos deveres, mas sim como alta personalidade, arrogando-se regalias e o direito de menoscabar os princípios do centralismo- democrático. Sempre se colocou acima do coletivo partidário e atuou a seu talante, como um grão-senhor. Ostentou profundo desprezo pelas massas e empregou no trabalho de direção e nas relações com os companheiros um estilo burguês, bifronte, hipócrita, estimulando o burocratismo e provocando a desconfiança e a desunião entre camaradas.

Tendo em conta essa lição, o PC do Brasil, desde o momento de sua reorganização e principalmente a partir da Conferência Nacional de 1966, dispôs em seus Estatutos que qualquer personalidade ou dirigente de outro partido só poderá ingressar numa de suas organizações depois de decisão do Comitê Central e se preencher os indispensáveis requisitos exigidos pelo Partido.

O exame do exemplo negativo de Prestes e o estudo sobre o papel das massas na História vem contribuindo para que o Partido avance na assimilação do marxismo-leninismo e na aplicação dos princípios leninistas de organização, fortaleça seu caráter de classe e sua ligação com os trabalhadores, intensifique a revolucionarização de seus quadros e militantes.

O Partido Comunista do Brasil, livre, há doze anos, da presença de Prestes, marcha com segurança para elevar-se à altura de sua missão histórica de dirigente da revolução brasileira. Quanto ao ex-cavaleiro da esperança, no declínio da vida, assemelha-se ao gênio que Castro Alves comparou a Ahsverus: "E o mísero de glória em glória corre,/ Mas quando a Terra diz:/'Ele não morre',/ Responde o desgraçado:/ 'Eu não vivi' ".

^^^

/Panorama Internacional/

Campanha Oportuna

Desenvolve-se em escala mundial vigorosa campanha contra a tortura e o assassinato de elementos que se opõem decididamente a regimes retrógrados. É sabido que milhões de pessoas nos cinco Continentes são vítimas de atrocidades inomináveis por defenderem idéias progressistas. Orientando-se contra um dos aspectos mais bestiais da política do imperialismo, do social-imperialismo e da reação, a campanha reveste-se de enorme importância para a luta dos povos.

A burguesia imperialista, os revisionistas soviéticos, as classes dominantes de vastas regiões do globo recorrem aos meios mais infames para conservar seu domínio. Já não podem governar mantendo a fachada democrática, por toda a parte investem contra as liberdades do cidadão. Os métodos fascistas de extermínio frio de revolucionários vão-se transformando em rotina. Dezenas de dirigentes do movimento pela emancipação dos negros nos Estados Unidos foram mortos pela polícia. Na União Soviética e nos países por ela ocupados reina o terror. Na Indonésia, assassinaram centenas de milhares de comunistas. No Sudeste Asiático, no Irã, Turquia, Grécia, Espanha, Portugal não se detém o braço do carrasco. Também na América Latina estende-se a violência reacionária. Do Paraguai ao Haiti, do Brasil ao Chile milhares de patriotas e de combatentes de vanguarda são trucidados pelos órgãos policiais. Presos políticos sofrem requintados processos de tortura.

O repúdio a esta política banditesca aumenta incessantemente. Os povos não esquecem os horrores do nazismo, como também não olvidam os crimes de lesa-humanidade perpetrados pelos imperialistas ianques na Ásia. Levanta-se sempre mais forte a voz dos que não querem retroceder à época da barbárie e do obscurantismo para verberar a repressão sangrenta. Os protestos se avolumam e são expressão de força do movimento democrático mundial.

A campanha contra a tortura e o assassínio de militantes políticos adquire cada vez maior envergadura. Abrange amplas forças sociais. Dela participam não apenas as classes oprimidas da sociedade, mas também largos setores da intelectualidade, políticos burgueses, pessoas de diferentes concepções filosóficas ou religiosas. Reflete-se na imprensa, na universidade, nos parlamentos, nas organizações populares, nos sindicatos, nas manifestações de rua, nas greves de solidariedade etc. Ainda há pouco, Anistia Internacional entregou à ONU um documento contendo um milhão de assinaturas de rejeição à tortura. Intelectuais e personalidades de nomeada pronunciam-se incisivamente contra tais métodos. Surgem iniciativas oportunas como a do Tribunal Bertrand Russel que desmascara a atividade criminosa de governantes reacionários e fascistas. Organiza-se a denúncia da chacina nas colônias portuguesas da África.

Ante a condenação mundial, os imperialistas e a reação tratam de justificar seus atos abomináveis. Alegam que assim procedem para combater o terrorismo. Mas é evidente que o que combatem é a revolta contra as injustiças. Na realidade, são eles que utilizam em alto grau o terror contra as massas. Além disto, estimulam certos atos terroristas com finalidade provocadora, infiltrando seus agentes no movimento popular. O diretor do FBI, Clarence Kelley, anunciou cinicamente, há pouco, que entregará ao secretário de Justiça dos Estados Unidos "um relatório completo sobre as operações de um programa de três anos executado por Edgar Hoover para denunciar, perturbar e desvirtuar o movimento da Nova Esquerda". Agregou que o programa começou em 1968 e encerrou-se em 1971 e que "as operações incluíram a ação de agentes provocadores para incitar os esquerdistas a atos de violência e assim justificar a repressão da polícia contra eles". Admitiu que o FBI continua executando programas parecidos "contra os extremistas negros, o Partido Socialista e o Partido Comunista." Não podia falar mais claro.

Os imperialistas norte-americanos, juntamente com os social-imperialistas, constituem, hoje, o centro da reação mundial. Ferozes inimigos da Humanidade -

Continua na página 14

Continuação da página 13

progressista, aperfeiçoam métodos de tortura e tratam de aplicá-los em distintos países. Num trabalho recente, o conceituado órgão da imprensa inglesa "New Scientist" afirmou que as técnicas da moderna tortura são exportadas através dos programas de assistência militar e das escolas para treinamento de policiais. "Esses treinamentos - destaca - são um sintoma da crescente aplicação da tortura como prática da política governamental e de seu crescente aprimoramento". Os Estados Unidos mantêm escolas em seu território e na Zona do Canal do Panamá destinadas a preparar experts nessa sinistra atividade. Militares da América Latina e agentes policiais, em grande número, têm frequentado esses cursos que nada ficam a dever aos da Gestapo de Hitler. As Missões Militares norte-americanas encarregam-se de orientar e também de executar os planos de luta contra os patriotas e democratas no Hemisfério. É significativo o que ocorreu, não faz muito, na Argentina, onde militares exigiram a retirada da Missão ianque daquele país vizinho. Segundo a revista espanhola "Actualidad Política Estranjera", citando fontes portenhas, as divergências ali surgidas "acentuaram-se e degeneraram muitas vezes em atritos, quando os membros da Missão Militar dos Estados Unidos recomendaram com insistência a adoção de seus métodos antiterroristas como meio de conter a ação das organizações subversivas". Diz ainda a revista que "os militares argentinos irritaram-se com a aparição e a ação de grupos parapoliciais e paramilitares, organizados pelos ianques, que no organograma da CIA são conhecidos pela sigla de CIDG, ou seja, Grupos Civis e Irregulares de Combate à Subversão". Estes fatos indicam com muita clareza onde se situa o centro que dirige a repressão fascista no Continente. Os métodos norte-americanos, supostamente antiterroristas, são o do assassinato de dirigentes e ativistas do movimento popular e o da tortura selvagem em presos políticos.

Grande significação tem, assim, a campanha de âmbito mundial agora encetada. Com um caráter nitidamente democrático, esse movimento está fadado a arregimentar boa parte da Humanidade, a despertar a consciência política de milhões de pessoas e a desempenhar importante papel na luta contra os principais inimigos dos povos. É uma campanha digna de todo o apoio. No Brasil, onde a tortura generalizada e o assassinato de centenas de patriotas vêm provocando justificada indignação e protesto dos brasileiros amantes da liberdade e da independência nacional, ela precisa ser impulsionada com ânimo firme e amplitude. Denunciar os crimes da ditadura militar-fascista e revelar mais ainda o caráter sanguinário do regime instaurado no país, é uma tarefa de primeira plana que ajuda a isolar e a derrotar os generais lacaios dos monopolistas norte-americanos e serviçais da reação interna.

"As classes exploradoras necessitam a dominação política para manter a exploração, isto é, no interesse egoísta de uma minoria insignificante contra a imensa maioria do povo. As classes exploradas necessitam a dominação política para acabar radicalmente com toda exploração, isto é, no interesse da imensa maioria do povo contra a minoria insignificante dos escravistas modernos: os latifundiários e capitalistas."

V. I. Lênin - O ESTADO E A REVOLUÇÃO